

SALOMON, Marlon J. (org.) *Alexandre Koyré: historiador do pensamento*. Goiânia: Almeida & Clement Edições, 2010.

Por Fernando Vojniak

Doutorando em História (UFSC). Bolsista do Plano Sul de Pós-Graduação, Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (FAPESC)

Raymond Aron dizia que a sociologia poderia ser caracterizada por uma *perpétua procura de si mesmo*.<sup>1</sup> Sem embargo, o sociólogo francês poderia ter estendido esta caracterização à história ou à filosofia, por exemplo, e até mesmo à física e ao conceito de ciência de modo geral, se não o considerarmos conforme o modelo positivista de ciência; no limite, trata-se de uma questão humana, e das ciências humanas, pelo menos desde os tempos de Kant, quando o homem, segundo Michel Foucault, passou a se tornar objeto e problema do saber ocidental permitindo “essas filosofias da Vida, da Vontade, da Palavra”, em suma, as ciências humanas, “que o século XIX vai desenvolver na esteira da crítica.” (Foucault, 1999, p.334). Ainda que, conforme o filósofo francês, “o homem não é o mais velho problema, nem o mais constante que se tenha colocado ao saber humano” (Foucault, 1999, p.536), sabemos desta antiga e quase perpétua busca de uma verdade sobre si mesmo que intriga a grande maioria das pessoas e dos saberes. Por vezes, parecemos ser obcecados pela verdade, pela perfeição, e dificilmente aceitamos o casual, o caótico, o anárquico. No entanto, tão antiga quanto à busca da verdade, é sua paradoxal condição de objeto inatingível e também são muito antigos os problemas de definição e as noções de relativo e absoluto em torno da *alétheia*.<sup>2</sup>

Contudo, essa “consciência” da inatingibilidade da verdade, ou pelo menos das verdades absolutas, não acomodou os homens. Pelo contrário; há muito tempo, sabe-se que a perene busca pela verdade produz saberes úteis ao próprio homem, mesmo que parciais. Mas, ingênuos ou perversos, os novos profetas da verdade sempre batem à porta dos pesquisadores atentos e, muitas vezes, são acolhidos, pois, claro, nosso inexorável desejo pela perfeição e nossa obsessão pela verdade parecem querer, por vezes, se manifestar repentina e sorratamente. Até mesmo aquela preguiça, disfarçada em dificuldade, se manifesta em situações mais cotidianas quando aceita-se fórmulas simples e

<sup>1</sup> “A sociologia, com efeito, parece ser caracterizada por uma perpétua procura de si mesmo”. *Apud* Mário R. Martins, *Sociologia Geral & Especial* (Anápolis: Editora Walt Disney, 1982), 28.

<sup>2</sup> Luiz C. Zubarán, *A gênese do conceito de verdade na filosofia grega* (Canoas: Ed. Da ULBRA, 2004).

acabadas, em detrimento do caótico e do anárquico, que são mais recorrentes no meio natural, científico e social do que muitas vezes queremos acreditar.<sup>3</sup> Talvez esta seja uma das razões para o sucesso de muitos *best-sellers* que anunciam os segredos dos “santos graais”, os axiomas da ciência ou as fórmulas para o sucesso, a riqueza e a felicidade.

Avessos a formulas simples, imersos em atividades acadêmicas e docentes, os historiadores, talvez, somos os “cientistas” mais instados a refletir sobre a própria condição da “cientista” ou da “ciência histórica” que praticamos. Em geral, e ao contrário de muita gente, adoramos notas de rodapé e ficamos intrigados com referências muito sucintas ou incompletas. Tão logo nos impressionamos com algum tema, ou no momento em que, pelas exigências do ofício, somos solicitados a falar e escrever sobre algum acontecimento histórico, quase que em movimento maquinal, começamos a refletir de uma maneira que não é outra senão aquela do retorno indefectível às querelas da história: *Quais os fatos dignos de registro sobre esse assunto? É possível tamanha redução nessa abundância de fatos? Quais as fontes e testemunhas confiáveis? Ora, nenhuma fonte é confiável e as mais honestas testemunhas se enganam! Como estabelecer o encadeamento dos fatos? Isto é supor uma relação de causalidade entre eles?* E por aí vai... Quando nos propomos a escrever uma tese, muitas vezes não o fazemos como a maior parte dos pesquisadores, isto é, não lançamos mão da aplicação pura e simples de um método; não que os problemas históricos dispensem métodos, mas muitos historiadores preferem produzir suas narrativas dando certa liberdade à intuição e à subjetividade a partir da intimidade que vão conquistando junto aos acontecimentos e com os textos/fontes no árduo trabalho junto aos arquivos. Uma versão radicalizada dessa “licença subjetiva” pode ser encontrada nos trabalhos de Michelet (1798-1874), por exemplo, mas tal não é o caso.<sup>4</sup> De qualquer forma, em pesquisa histórica, perpetuamente se está no exercício desta “procura de si mesmo” da história, isto é, o exercício constante de reavaliação de seus pressupostos e métodos. Isto talvez explique o fato de que boa parte dos textos de historiadores estrangeiros que fazem sucesso no Brasil – entre os historiadores! – e que os lemos tão interessadamente, geralmente são textos de

<sup>3</sup> Aqui podemos lembrar a famosa tese de Paul Feyerabend segundo a qual o movimento da ciência, as criações e descobertas científicas ocorrem muitas vezes de forma anárquica, não seguindo um modelo de análise teórico-metodológico estabelecido no campo. “A ciência é um empreendimento essencialmente anárquico. O anarquismo teórico é mais humanitário e mais apto a estimular o progresso do que suas alternativas que apregoam lei e ordem. Isso é demonstrado por um exame de episódios históricos quanto por uma análise abstrata da relação entre ideia e ação”. Paul Feyerabend, *Contra o método* (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989).

<sup>4</sup> Conferir a introdução de Daniel Christino para a tradução de *Joana D’Arc* sobre o “método da ressurreição” de Jules Michelet, *Joana D’Arc* (São Paulo: Hedra, 2007), 9-23.

historiografia, de filosofia da história e não, propriamente, de história, de narrativas de acontecimentos passados. Excesso de rigor? Difícil dizer.

Colega de Aron, Alexandre Koyré (1892-1964) também se dedicou ao exercício desta “perpétua procura de si mesmo”, necessária a qualquer campo do conhecimento. Conhecido pelas investigações na história das ciências, com destaque para *Do mundo fechado ao universo infinito* (Lisboa: Gradiva, 1961) e os seus famosos *Estudos galilaicos* (Lisboa: D. Quixote, 1986), Koyré se dedicou intensamente aos problemas da filosofia da história e, não obstante, seja bastante conhecido pelas traduções portuguesas e edições brasileiras de sua obra, o russo naturalizado Francês que estudou com Husserl na Alemanha, curiosamente, é pouco estudado no Brasil.

Com efeito, para o júbilo dos interessados nos estudos Koyreanos, acaba de sair pela editora Almeida & Clement Edições *Alexandre Koyré: historiador do pensamento*, organizado pelo professor da Universidade Federal de Goiás, Marlon Salomon. É um livro que reúne (pela primeira vez!) estudos brasileiros sobre Alexandre Koyré.

Com apenas 204 páginas, este trabalho inaugural se apresenta bastante completo e versátil. Nele, encontramos, por exemplo, desde um apanhado de textos sobre Koyré até traduções de alguns artigos do próprio filósofo-historiador. Entremos, pois, no livro: a introdução é uma tradução de um artigo do filósofo francês Yvon Belaval (1908-1988) sobre as investigações filosóficas de Alexandre Koyré; na primeira parte, encontramos os dois artigos de Koyré, *Filosofia da história* e *A filosofia – Jean Cavailles*; na segunda parte, seis estudos oriundos de um colóquio sobre Koyré realizado em setembro de 2008 na Universidade Federal de Goiás versando sobre assuntos como “o nascimento da ciência moderna” (Salomon), “a concepção de história das ciências” (Marli Bulcão), “Koyré leitor de Hegel” (Márcia Zebina de Araújo Silva), “Alexandre Koyré e a fenomenologia” (Rodrigo Vieira Marques), “Alexandre Koyré e a Renascença” (José Ternes) e “Alexandre Koyré e o pensamento científico” (Fábio Ferreira). No remate da pequena coletânea, uma breve e rigorosa nota biográfica de Alexandre Koyré escrita pelo organizador, que merece destaque por trazer, inclusive, esclarecimentos sobre alguns fatos controversos da trajetória intelectual do “historiador do pensamento”.

A tentação em se deter um pouco mais nas considerações de cada um dos estudos acima referidos é bastante grande, mas o papel de uma resenha – sobretudo de uma *resenha provocativa!* – é outro. É um papel muito mais de anúncio, de convite à leitura e – é claro – de provocação, do que propriamente um papel analítico, de modo que pouparemos o leitor de uma análise mais prolongada da obra. Contudo, iniciamos estas linhas apontando o problema do ideal da busca da verdade na ciência, com especial destaque para o propósito

científico da história, de modo que a questão precisa ser concluída.

Nas querelas da verdade, da história e da verdade histórica, perpassam as várias querelas da ciência e, sem embargo, perpassa também todo o tipo de oposição reducionista, como, por exemplo, a oposição entre o quantitativo e o qualitativo, que podem nos levar a uma visão limitada da pesquisa científica. A crença na homogeneidade interna a cada recurso metodológico ou na objetividade de um e no relativismo do outro pode nos levar a uma falsa oposição entre esses modelos que muitas vezes se cruzam e se complementam no trabalho científico. Mesmo que desde há muito se pode recolher concepções lúcidas sobre os métodos e o progresso histórico, os historiadores, parecemos querer sempre exercer o questionamento das próprias convicções a respeito dos métodos da história.

Mais uma vez pergunta-se: Excesso de rigor? Pode-se dizer agora que não. O excesso de rigor é nosso impulso em busca de si mesmo. Exercício que é praticado mesmo nas ciências ditas exatas, que poderiam acreditar-se exatas apenas no ideal de ciência newtoniana, por exemplo.

Neste ponto, já nos parece mais do que oportuno, recorrer a uma pequena mostra do que o leitor encontrará em *Alexandre Koyré: historiador do pensamento*:

[...] este ideal da ciência – o da ciência newtoniana – sabemos muito bem hoje que é irrealizável, mesmo na física. É impossível estabelecer uma fórmula unitária que reja o comportamento das partículas elementares; é impossível abarcar todas estas partículas num único modelo; é impossível levar a cabo o determinismo estrito e a previsibilidade absoluta; é impossível aplicar as mesmas noções ao pequeno e ao grande, ao microscópico e ao macroscópico. Ora, parece impossível admitir que os movimentos e, portanto, a estrutura dos átomos humanos seja mais simples que a dos átomos físicos. E ainda, se a física se contenta com probabilidades e determinismos puramente estatísticos, o historiador seria pretensioso se pretendesse superá-la nisso. (p.57)

Estar à procura de si mesmo, não é, definitivamente, uma particularidade dos sociólogos. Muito menos dos historiadores.